

A reabilitação do sagrado nas estórias de João Guimarães Rosa e Mia Couto

Eduardo de Araújo Teixeira²

Esta tese analisa aspectos do sagrado a partir do estudo comparado de narrativas curtas de *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa, e *Estórias Abensonhadas*, do moçambicano Mia Couto. O sagrado, elemento recorrente (elemento que articula temas) nas obras dos autores, está fortemente ligado ao pensamento arcaico-popular do homem rústico brasileiro e moçambicano. Nos contos de Guimarães Rosa predomina a religiosidade cristã (o homem está subordinado a Providência), Em *Mia Couto*, predomina a Religiosidade Tradicional Banto, pois as ações do homem são balizadas pelo trato com a Ancestralidade. Por meio de um estudo analítico-descritivo, foi constatado que os autores usam como base para elaboração de seus contos elementos do imaginário do homem rústico reconhecíveis na narrativa tradicional oral (literatura oral e contos tradicionais). Eles apropriam-se das “formas simples” (André Jolles) e expressam nos relatos uma adesão à perspectiva e imaginário do homem rústico também por meio da linguagem e de um foco narrativo; reabilitando deste modo o narrador tradicional (Walter Benjamin). Para aprofundamento, foram analisadas dez narrativas selecionadas pela similaridade temática e estrutural, com o objetivo de observar as diferentes abordagens aos temas e às imagens relacionadas com o sagrado. O método comparativo foi o procedimento adotado, resultando em cinco longos ensaios onde foram rastreados elementos comprobatórios da presença do pensamento místico-religioso. Paralela à análise, foram observadas outras características: a ligação das estórias com o conto popular e a literatura oral, o processo de adesão ao imaginário do homem rústico e seus valores ético-religiosos; e a reabilitação do narrador tradicional. Morte, Experiência e Epifania, temas/elementos circundantes ao sagrado, foram igualmente analisados.

As narrativas postas em comparação foram: 1) “A terceira margem do rio” / “Nas águas do tempo”; 2) “A menina de lá” / “As flores de Novidade”; 3) “Nada e a nossa condição” / “A praça dos deuses”; 4) “A benfazeja” / “A Rosa Caramela” e 5) “ – Tarantão, meu patrão...” / “De como se vazou a vida de Ascolino do Perpétuo Socorro”. Respectivamente, contos de Guimarães Rosa e Mia Couto.

A aposta na capacidade criativa e na persistência das lutas dos atores sociais angolanos com vista ao alcance de uma sociedade mais justa e equitativa, conduziu à identificação da sociedade civil como objetivo de estudo, em busca de um espaço de intervenção e de participação com capacidade de influenciar as políticas públicas e as decisões em relação ao futuro. As questões identificadas para organizar a pesquisa desse estudo foram essencialmente as seguintes: faz sentido falar de sociedade civil em Angola? O que significa sociedade civil para os angolanos, qual o sentido mais comum atribuído ao conceito? Será que os diversos atores sociais angolanos atribuem sentidos próximos, convergentes ou semelhantes à sociedade civil? Qual o papel da sociedade civil na Angola de hoje? O potencial mobilizador nessa idéia de sociedade civil é mais ideológico ou mais utópico? Existem distinções nos sentidos inscritos nas opiniões entre as oito categorias de análise (entidades religiosas, associações cívicas, culturais e desportivas, ONG's/associações profissionais, meios de comunicação social, poder local, setor informal, mulheres e jovens) e entre as três cidades abrangidas pela pesquisa? Que razões (se as houver, ou melhor, se for possível identifica-las) podem ser apontadas para essas distinções?